

CINTIA

A primeira pergunta é, como você costuma se apresentar?

EDILMA

Bom, eu me apresento como Edilma de Carvalho, uma mulher jovem adulta, cria da Providência, e meu apelido, em todo esse tempo, é Nenem do Barroso.

CINTIA

Na apresentação da senhora, a senhora costuma colocar idade, raça, gênero, profissão?

EDILMA

Então depende do público, né? Se for necessário, sim. Eu me considero mulher preta, de pele clara, filha de um homem nordestino que se considerava branco e uma mulher filha de indígena com um homem negro, que são meus avós.

Eu sou pedagoga, tenho formação também em educação. Atuo na gestão, programação do projeto do Instituto Caminhante, projeto Galeria Providência, pré-vestibular comunitário do Instituto Marielle Franco e FAM (Faculdade de Administração e Marketing). Sou uma líder social desde os meus 14 anos de idade.

CINTIA

Muito bom. Você pode contar um pouquinho da sua história, família, educação, os territórios que você já percorreu?

EDILMA

Claro, vamos lá. Bom, a minha história se inicia, dentro das minhas memórias, com meus cinco anos de idade, dentro de uma escola municipal da primeira CRE, do Rio de Janeiro, que é a Escola Vicente Vicente Cardoso, que tem um marco pra mim como educadora latente, porque eu acredito na minha formação também como uma missão social e até espiritual, não levando pra esse lugar simplesmente da do lúdico, mas trazendo uma realidade de sofrimento físico, emocional, psíquico das minhas colegas, que na sua grande maioria moravam no alto do morro ou nos pés do morro da providência. Sou filha de pais nordestinos, dentro do que eu já falei, que tiveram seis filhos e uma trajetória de vinda do

Nordeste pra cá ainda tiveram mais dois por parte de pai e mais dois de criação. Em suma, somos dez filhos. Eu sou a caçula dessas relações, dessa relação entre os dois.

E já desde muito menina, as perguntas filosóficas, né, pra onde eu vou, da onde eu vim, quem eu sou, já me era muito latente, sabe? E uma das questões que mais vinha era o seguinte, por que que as minhas colegas não têm pai e mãe? E por que que elas têm que morar no alto do morro? E por que que seus pais não se interessam pela educação delas? Isso já era assim, é o que eu lembro muito nitidamente. Já se passaram 50 anos, eu tô com 55 anos, E eu lembro nitidamente dessas perguntas que me vinham à memória quando eu ia e vinha para a escola.

E que me tratei com uma certa preocupação. E que foi, no decorrer da minha fase de 5 a 10 anos, algo que sempre era muito... perturbador. E eu buscava soluções, como eu poderia ajudá-las. Eu já sonhava com espaço de educação dentro do morro, onde não só as crianças pudessem aprender uma visão de mundo, uma visão do letramento, uma visão do entendimento da compreensão das coisas, mas ao mesmo tempo eu pensava, por que os pais delas não podem vir junto? Por que as avós? Por que as madrinhas? Eu pensava que todo esse contexto social tinha que fazer parte desse universo.

E com 9 anos de idade eu comecei a subir pro Alto do Morro pra trabalhar junto com as catequistas da Igreja Católica Nossa Senhora do Livramento, que é um marco aqui no nosso território. E aí eu apoiava, por ter sido uma menina que rapidamente fui alfabetizada, eu apoiava elas nas aulas de catecismo lá no Cruzeiro, na Igreja do Cruzeiro, no Alto do Morro da Providência.

E ali, quando eu terminava a aula, as minhas colegas, a grande maioria morava lá, perguntavam assim... Ah, neném, na época, né? Neném, por que você não me ensina a ler como você? Me ensina isso, me ensina aquilo. E aí, durante a missa, tinha catequese, depois as crianças ficavam, tipo numa escola dominical ou uma escola bíblica, a gente saía pra trás da igreja e ficava ensinando elas a ler e a escrever. Ali começou esse marco forte na minha vida da... da certeza de que a educação transformaria aquela realidade, né? Claro que não na dimensão que eu tenho hoje. É isso. Acho que eu pude resumir. Mais alguma coisa?

CINTIA

O que foi assim, se você pudesse destacar, o que foi mais importante na sua formação

profissional, na sua formação acadêmica e na sua formação política?

EDILMA

Ah, gente, ensinar e aprender. Olha, esse lugar de ensinar e aprender, é algo que, seja em qual camada social eu já estive, tá? Eu estive em camadas sociais de extrema pobreza, fui para o mercado de trabalho, estive em camadas de média pobreza, a gente pode chamar assim, e estive em camada também de alta, de poder aquisitivo alto, né? Em colégios da Zona Sul, em fundação Bradesco, estive em instituições de formação profissional, como seguradoras, Golden Cross, BP Seguro Alto, Banco do Brasil, estive em Sistema Firjan, Sistema S, CES e Senai.

Mas o que eu posso destacar é que de todos esses universos que eu pude passar, é o ensinar a aprender. Caraca, é algo que me envolve... Desculpem o caraca, mas é porque é como uma êxtase, sabe? É algo que me envolve a viver. Esse estímulo a ensinar e também a aprender com quem eu tô me relacionando, sabe? Eu vejo isso de forma cada vez mais nítida, principalmente agora que eu trabalho com uma galera mais jovem, nessa dinâmica também de arte e cultura envolvendo a educação. né, como carro-chefe do que a gente realiza. Nossa, isso me traz, assim, sério, um tesão, se eu posso resumir, um tesão como se eu tivesse literalmente, sabe, tendo um ato sexual muito prazeroso e também comendo brigadeiro, um pudim de leite moça. Essa é a minha situação, gente. Eu estou intensa, sabe? E é isso que me tirou do mercado. Eu poderia continuar no mercado. profissional, tranquilamente. Eu sou uma pessoa que estou sempre me atualizando em tudo.

Eu, inclusive, sou uma mulher que tinha muitas dificuldades com matemática e eu fui estudar matemática o dia inteiro. E eu tirei 10 nas provas da Prefeitura do Rio, concurso de estado. Mas, amiga, assim, depois que eu operei minha coluna cervical por muito tempo, trabalhar também digitando, escrevendo muito, utilizando muito os braços e não fazendo exercícios físicos, Eu tive lesão do esforço repetitivo, e daí eu tive que frear isso. Então, estar no mercado privado, ou público, prestando serviço, sem dar um resultado de imediato, deixa o nosso... o meu profissionalismo em cheque. E aí eu falei, não, não, não, não. Já que eu preciso escolher um lugar, como disse meu neurocirurgião, você precisa escolher um lugar onde você seja intensa, sabe? Você possa também continuar nesse lugar de escuta, mas ao mesmo tempo você ser mais natural possível, e aí eu escolhi o terceiro setor de beijos. Falei, chega, nós vamos com o terceiro setor de beijos e vou somar forças com meu sobrinho,

Hugo Oliveira, né, esse idealizador do projeto Galeria Providência, e vamos colocar o nosso marco aí, intenso de TDH, de muito tesão no que a gente ama.

CINTIA

E você pode falar um pouquinho da sua participação nas lutas coletivas da favela? Por onde você já passou, os grupos, e qual você faz parte hoje?

EDILMA

Vamos lá. Bom, as lutas coletivas começaram sempre na promoção das mulheres, do direito delas terem o seu protagonismo. Isso começou lá atrás. Quando as meninas me pediam pra apoiá-las no conhecimento do letramento e da automatização. E vem decorrendo sempre um estímulo ao conhecimento dessas crianças, mulheres crianças, depois adolescentes, jovens, e hoje mulheres adultas.

E a gente estimula também, principalmente, a terceira idade aos seus direitos. Sempre a mesma cartilha. Até brinco com a Fiocruz, que a gente tá trabalhando agora uma cartilha de saúde integral. E eu falo, gente, se tem uma cartilha, faz parte da minha vivência nesses 55 anos. E eu amo cartilha, amo passo a passo, amo linha do tempo, amo descrever passo a passo, de tomada... de buscar esse direito que é nosso. Então eu venho decorrendo isso com o trabalho junto da Defensoria Pública, nas defesas das minorias, dos seus direitos, das garantias de direitos das minorias. dentro dos territórios favela, da promoção pela educação formal e o direito a essa educação formal que pode se estender até a graduação, ao empreendedorismo, a formação técnica ou a qualificação profissional, também trabalhando com a inclusão da diversidade dentro dos nossos territórios, sabe?

Não olhando a pessoa como uma peça ou uma produção única, sexual, mais no ser humano integral, acima das suas escolhas sexualmente falando. Também trazer as crianças para essa visão de letramento racial. Principalmente as nossas crianças de periferias e favelas. onde a população, somente no nosso território, são 65% garantido pelo IBGE e também pelo nosso censo. O primeiro censo da propriedade é feito por nós, pelo Instituto Caminhante de Galeria Providência. Ainda também, no direito à saúde integral, aí são muitas pautas. A saúde integral, entendo como carro-chefe da saúde mental, foi aquilo que bem antes da pandemia, bem antes, eu tive direito ao acesso e já promovia muitas, principalmente as mulheres, a virem pra esse lugar. As crianças, né? O trabalho da inclusão das crianças com

transtornos mentais ou com dificuldades de aprendizagem. Eu tenho especialização nessa área também. Então, as pautas são diversas e o direito a esse protagonismo negro, né, amiga? Toda essa história de escravização, né? Que nos foi negado esse direito. Comigo não existe isso. Tá negado, a gente não tem problema. Eu quero abrir a porta, eu quero colocar a mão na maçaneta, eu quero tocar na porta, eu quero bater na porta. Se você não me der, sou obrigada a chutar a porta e entrar junto com meus grupos de pessoas, entendeu?

CINTIA

E atualmente, qual o projeto que você tá mais trabalhando? E desde quando?

EDILMA

Então, atualmente, né? Eu sou gestora junto com o Hugo Oliveira... uma das gestoras no Instituto Caminhante, que é o nosso carro-chefe. Dentro do Instituto Caminhante, eu estou à frente da gestão do Galeria Providência, na coordenação também. Apoio à coordenação do Pré-Vest, que é a nossa menininha, o nosso bebê que a gente carrega ali, que nos legitimou com a Constituição.

Eu também estou à frente da coordenação do projeto de saúde integral nas favelas, chamado 146 Vezes Favela, na Providência, junto com a Fiocruz. E aí tem umas outras novidades que a gente vai estar falando mais à frente. E para, vamos encerrar, eu faço parte do coletivo que promove a educação através da parceria com o CEDERJ, CECIERJ, na formação da educação básica, seja presencial, semipresencial ou online. chegando até a formação, a participação no pré-vestibular comunitário do CEDERJ/CECIERJ, e também em parceria com os pré-vestibular comunitários.

CINTIA

E algum desses projetos atuais que você se dedica, ele tá ligado à questão de dados e memórias?

EDILMA

Sempre, sempre. A gente trabalha, porque a gente tem essa linha, né? A formação como pedagoga, como professora, a gente tem que legitimar nossas informações, Então, nós temos aí já trabalhos publicados a respeito do SOS Providência, que foi o nosso carro-chefe, vindo nessa linha da promoção ao direito à saúde, né? E a manutenção da vida através da crise da

Covid, e é onde nós ganhamos o primeiro edital da Fiocruz. E nós temos a legitimação através de um censo, que inclusive o IBGE esteve em reunião conosco, né? juntos ali, eles buscarem subsídio para transformar as suas pesquisas mais próximas dos moradores e assim terem resultados mais eficazes nas suas respostas junto ao governo.

Nós temos o trabalho do Hugo Oliveira, que foi mentora intelectual dele, um trabalho no doutorado, que fala da existência da Providência e de toda a sua busca por legitimação como não parte da cidade, mas sim integrante da cidade, a primeira favela do Brasil. Nós temos também, junto com a UFRJ, a parceria pelo IPPUR Negra, com os geógrafos, a promoção desses ambientes que a providência possui, que se estenderam da Providência para a construção da cidade do Rio de Janeiro e depois a transformação do Rio de Janeiro como capital e a transferência para Brasília. Então, são muitas frentes.

CINTIA

Eu vim do IPPUR Negra. Gente, eu amo o IPPUR, não posso falar. Uns colegas meus trabalharam na cartografia da Providência, o Júlio e o Diego. E nesses projetos, qual era a sua função nesse projeto que produz dados e memória?

EDILMA

Todas as propostas, eu faço um trabalho de gestão, em parceria com outros gestores nossos, do Instituto Caminhante, principalmente o Hugo Oliveira, mas eu faço trabalho também de coordenação em supervisão, pela minha vivência pedagógica em muitos ambientes. Então, passo ali essa troca, mobilizando articulação também, sempre promovendo o protagonismo dos nossos vizinhos, dos nossos moradores, para que a gente possa legitimar e buscar chegar realmente a 100% da veracidade dessas ações que a gente promove, para que elas possam realmente contribuir na transformação social dos nossos moradores, das pessoas que habitam no nosso ambiente. E não simplesmente serem assistidos. Isso me faz uma ulgeriza. Assistir é necessário, mas eu quero protagonismo.

CINTIA

E na sua visão, qual a importância desse tipo de projeto para as moradoras e moradores das favelas?

EDILMA

Como eu já disse, trazer o protagonismo e eles perceberem que eles têm história, têm fato, eles detêm esse conhecimento, E sem esse conhecimento, sem a participação deles integralmente, trazendo seus conhecimentos, também dando as suas opiniões sobre toda a proposta que está sendo elaborada, a gente não consegue realizar eficazmente as propostas que a gente tem. Isso não existe, não pode existir, sabe? Nós não estamos aqui, o Galeria Providência tem como missão fazer o protagonismo dos nossos moradores, de quem vive, sejam as mazelas sociais, sejam também as alegrias, seja as suas realizações dentro desse território de favela. Sem a existência desse protagonismo dentro do que a gente está construindo não é legítimo. Eu não estou aqui para somar números, senão estaria no mercado, disputando com muita gente, financeiramente falando, um lugar de coordenação, de supervisão, de direção escolar ou de desenvolvimento de projetos internos dentro dessas instituições. Não é o meu lugar. Não é o meu lugar. E eu não vou fazer isso com as minhas. Seria ser leviana demais, entendeu?

CINTIA

Aproveitando do gancho das mazelas e das alegrias, você poderia destacar aprendizados e resultados desse tipo de projeto e também desafios e dificuldades?

EDILMA

Bom, vamos lá. Nós tivemos quase 4 mil. 3 mil, se eu não estou enganada pelos números, tá? Então, não estou com eles abertos agora. 3.975 formulários preenchidos, pesquisas preenchidas com tempo, com precisão. Foi a nossa primeira pesquisa feita dentro da Providência em parceria com o IPPUR Negra. Essas pesquisas tiveram a presença dos geógrafos indo até a campo junto com as nossas pesquisadoras. Nós tivemos um grupo de 13 pesquisadoras e pesquisadores dentro do nosso território... moradores, dentro das suas áreas.

Nós dividimos as áreas dentro de 13... Nós dividimos o espaço dentro de 13 áreas, onde os moradores detinham o total conhecimento daquela parte do território. Nós tivemos aí... Deixa eu pegar aqui pra te dar informações concretas, tá? Dentro das informações que nós... É... Vamos lá. Censo da Providência... Desculpa que a internet está um pouquinho lenta. Você sabe como é no nosso território, a internet realmente, nós não temos grandes empresas de grande porte, a internet ela é É dividida, né? Vem sendo dividida uma parcela do uso da internet até chegar a nós. Então vamos lá. Censo popular, automapeamento e cartografia

social da providência, tá? Os nossos números. Nós dividimos o nosso censo dentro das orientações que recebemos, né? Porque sozinhos nós não daríamos conta, até por conta das nossas formações, tá? Em vários tópicos, tá? Desde... E aí eu vou te dizer esses números, ou se você quiser, Cíntia, eu posso te mandar isso, tá? Porque nós temos várias frentes. Ter um número total, você gostaria de ter um número total, não é isso?

CINTIA

Pode ser, total.

EDILMA

Tá, então vamos lá.

CINTIA

E eu aceito o documento também.

EDILMA

Ah, eu vou te mandar, já vou pegar aqui o link. Esse link que nós enviamos, ele tá fidedigno ao que informamos, tá? Por quê? O Hugo faz parte, dentro dessa instituição, como um dos relatores, se a gente pode chamar assim, tá? De informações. Então tá fidedigno. Deixa eu só pegar aqui. Vamos lá.

Vamos lá. Nós tivemos, tá? Um total de 1.400 no primeiro, tá? 1.456 questionários respondidos. Deu mais de 50% de moradores. Nós tivemos 1.025 moradores ausentes. Deu em torno de 35%. E tivemos 416 que não responderam ou não haviam moradores em casa. Isso no primeiro... Na primeira pesquisa, tá? Lá na pandemia.

E aí... Fazendo uma equiparação com informações do IBGE, nós tivemos 2.897 visitas e 1.456 respondidos. Aí, para o auto-mapeamento, isso foi geral no primeiro, na primeira proposta que nós fizemos de pesquisa para colher dados, para a segunda. Temos por área bem dividida, vocês dão sorte. Ele está bem enriquecido, porque a gente detalhou de forma muito minuciosa, desde segurança alimentar, a água, o lixo, o associativismo. São diversos os temas.

No segundo sistema, tivemos 2.120 questionários respondidos por mulheres e 1.840 por homens. Isso que é uma crescente, a ver? Então são muitas... Acho melhor te mandar isso



agora. Sim. Estou mandando isso agora, tá fidedigno. Deixa eu só abrir aqui meu WhatsApp, que eu já... Tá fidedigno porque eu trabalho nessa instituição, prestando serviço. As nossas informações coletadas, tá?

Bom, você perguntou também sobre os desafios, né? Os desafios, dentro de territórios como o nosso, é segurança pública, que não nos coloque em risco e, por sua vez também, poder paralelo. Mas, uma vez que é esclarecido, uma vez que nós legitimamos esse protagonismo aos nossos moradores e eles contribuem nessa legitimação, que já vem há seis anos acontecendo, contra fatos não há argumento. E a nossa vivência por sermos crias no território, morarmos no território, por termos família, a terceira geração dentro do território é quase 70 anos, quando a Providência tem 123 anos, 129, perdão. Isso já se tornou em favor de nós diante desses desafios.

CINTIA

E são desafios e... Já era desafio e dificuldade mesmo.

EDILMA

Das dificuldades, tá? Quanto à circulação dentro do território, uma vez que a segurança pública não nos coloca em risco, amiga, não tem o que nos impeça.

CINTIA

Agora, para a gente fechar esse último bloco, o primeiro bloco, que tipo de coisa que a Edilma vai estar fazendo daqui a 10 anos? O que a Edilma espera?

EDILMA

Minha amiga, promover a educação. Formação de educação básica não tem história. O nome já diz, básica. Então, amiga, do ensino fundamental 1 até o médio é básica. Todo cidadão, tá? Principalmente cidadão de áreas de cria, como a minha, precisa ter. E daí, a gente propõe um leque do empreendedorismo, o leque da formação técnica, o leque da graduação, pré-vestibular, graduação, mestrado, doutorado, lato senso, O mundo é infinito. E atualizado como sempre. Conhecimento sempre. É o que o mundo tá fazendo aqui há 10 anos, 20 anos. É até a eternidade, minha amiga. É o meu limite. E isso perpassando, claro, pela arte e a cultura. Porque eu alfabetizo com artcidade desde uma criança a um adulto. Claro que eu vou trabalhar a partir do conhecimento, do letramento de vida que eles têm. Entendeu? Mas

com arte e cultura sempre. Não tem como. perpassando assim, ó. Bem belo. Minhas salas são oficinas, entendeu? Onde você cria, cria sem limite.

CINTIA

Aí agora a gente vai entrar no segundo bloco, que é sobre o Galeria. Aí você pode contar um pouquinho a história do grupo, quando ele surgiu, o porquê.

EDILMA

Maravilha. Deixa eu só, por gentileza, colocar aqui meu carregador, porque tá indo embora. Eu também estou muito à rua, a saúde mental aqui. Então, eu passo essa ponte, essa residência, por parte das moradoras e dos moradores. Nós estamos tendo um público masculino numa crescente e eu não posso abandoná-las.

Então, eu preciso dar esse... esse apoio quando chegam, porque a gente sabe que a galera mais jovem tem um pouquinho de resistência nesse aspecto de se impor ali para o público e de trazer essa importância do atendimento. Então, ontem, hoje e amanhã, são dias de para dar suporte aos nossos moradores, sabe? Que chegam com uma certa resistência e a gente forma aqui uma ética, um espaço ali reservado, né? Para que essa pessoa possa tomar uma água, um cafezinho, e aí precisa dar esse suporte. Opa, vamos lá para a entrada. Ah, entendi. Opa, entrou. Cintia, deixa eu aproveitar aqui, te enviar logo o link, tá? Que a gente já vai encerrando, fechando também os blocos, eu não fico te devendo nada, porque aqui é muito dinâmico.

CINTIA

É muita correria também, né?

EDILMA

Vou aproveitar essa ferramenta do WhatsApp pra enviar pra você. Ah, internet rs

CINTIA

Internet é uma coisa... Eu tô na cidade da minha mãe que é lenta. Ela é de Guapimirim, né?

EDILMA

Bom, enquanto o sistema abre, eu vou te dar as informações que você me solicitou do

Galeria Providência, tá?

CINTIA

Tá.

EDILMA

Vamos lá. Bom, o Galeria Providência é um projeto inovador dentro do Morro da Providência, porque tem intervenções artísticas e culturais através dos nossos moradores, tá? Em articulação com as maiores artistas aí do mundo, principalmente se tratando de grafite... que é essa expressão viva da arte dentro dos nossos territórios, de maior incidência, de maior amostra dentro dos nossos territórios, de favela e periferia.

Ele surge nesse contexto entre 2013 e se legitimou em 2017, nessa expressão contra as diversas opressões que nós, moradores, vivemos dentro desses territórios. principalmente aqueles que não se reconhecem como protagonista. O objetivo é estimular o fomento claro da arte como uma ferramenta na promoção dessa legitimação do protagonismo, mas também trazendo para a educação e articulando junto com a cultura. Também fomenta a economia local, a gente não pode deixar de pensar nisso, e na melhora de condições de vida dos nossos moradores, vizinhos, entendeu? Celebrando e fortalecendo, claro, as suas identidades, a própria cultura da nossa comunidade, como primeira favela do Brasil, trazendo o seu histórico, que antecede a Guerra de Canudos, e aí, esse é o doutorado que o Hugo Oliveira, meu sobrinho, teve a coragem de escrever e eu pude contribuir como uma pedagoga, com ênfase no social, nessa nessa construção, também estendendo um pouco mais o meu conhecimento de forma mais intensa mesmo, né? Da história do nosso país, desse desafio da escravização nos demais continentes. E tem sido dessa forma que a gente tem trabalhado, sabe? E a gente pretende continuar fazendo cada vez mais essa essa ativação cultural de arte e a educação de forma muito eficaz, muito eficaz, com dados, sabe? Legitimando isso com agenda 2030, não abrindo mão, tá? De mostrar que nós temos essas articulações que nos promovem, né? Junto com a academia mesmo, né? Com as universidades que nós temos no Rio de Janeiro e assim no mundo, sabe? Vem pra cá, a gente quer aprender com vocês, mas a gente tem muito a ensinar também. Verdade.

CINTIA

Você pode falar um pouquinho com o que o grupo contava de espaço, membro,

financiamento quando começou e o que mudou de lá pra cá?

## EDILMA

A gente contava com a famosa vaquinha, não era online na época, mas com a famosa vaquinha e com a listinha que a gente fazia pra promover as ativações culturais e também buscando mesmo, enviando e-mail para os artistas, operando suas ações em outros territórios semelhantes ao nosso. E aí, isso foi fazendo arrancamento, tanto dos moradores que tinham interesse, quanto dos artistas. E hoje, é claro, a gente já veio legitimando esse fazer bem doméstico, trazendo para o nosso território essa vida através do grafite, promovendo o protagonismo de moradores que hoje são conhecidos no Brasil e mundialmente.

A gente pode falar da Mercedes Batista, a primeira mulher negra do balé. A gente pode falar da Dodô da Portela, a primeira porta-bandeira do Brasil, que até há pouco tempo estava colocando vidro com a Dodô no ônibus. A gente pode falar de tantos protagonismos. A gente falou assim, citou duas mulheres, Tantos protagonistas que nós temos dentro do nosso território. Machado de Assis, né, minha amiga? E legitimar isso... Domesticamente ali fazendo, muito cruamente, através de uma listinha para buscar recurso, buscando tantos moradores, tantos comerciantes do território, mostrando que nós não simplesmente estamos brincando de desenhar nas paredes, mas trazendo um protagonismo que existiu dentro desses ambientes, que cresceu ou que vem para esse lugar e que hoje são conhecidos no Brasil e no mundo.

E por que não a gente continuar a promover isso? de forma bem eficaz. E com isso, a articulação com artistas conhecidos mundialmente e esses recursos poderem promover o nosso pré-vestibular, esses recursos poderem promover a nossa própria estrutura física do espaço, que começou dentro da casa da minha irmã mais velha, que é a mãe do Hugo, e que hoje nós estamos dentro do mercado popular, Leonel de Moura Brizola, essa figura ícone na promoção da educação do nosso país, principalmente do Rio de Janeiro, essa pessoa que veio junto com outros que antecederam a ele, mas de forma muito eficaz.

Promover a educação para os crias de favelas de periferia, sabe? Com direito a também saúde, seja saúde local, seja saúde física, promover esporte, sabe? Pra gente foi um salto muito grande. Hoje nós temos várias empresas onde nós levamos o nosso portfólio, nos tornamos mais eficazes, utilizando as tecnologias que o mercado tem pra nós, né? E isso é

ali, cavando mesmo, sabe? Cavando os poços pra conhecimento, sabe? Buscando, batendo nas portas, pedindo. E isso se fez a partir dos moradores, com articulação com alguns artistas, né? Que estavam se destacando dentro do mercado. Em um dos territórios de favela e periferia, depois os comerciantes, e hoje estamos muitas empresas aí, E concorrendo também a editais públicos com a Lei Rouanet e tantos outros editais que não são propostos.

A gente vai lá, mete a cara, sabe? Estamos hoje com assessoria cultural, assessoria jurídica, contábil. E nada disso foi feito com grana, entendeu? Diretamente grana na mão, grana no banco, não. Foi batendo nas portas, foi colocando a nossa cara a tapa. Foi dizendo assim, olha, nós preparamos esse portfólio, preparamos essa proposta dentro de tudo que a gente buscou de conhecimento. tecnológico, o mercado tem. Ela não está 100% perfeita, mas é o que temos, o que vocês podem nos ajudar, sabe? Ouvimos muitos não, continuamos a ouvir menos não e mais sim. E é dessa forma que a gente tem caminhado.

CINTIA

Muito bom. E como a pandemia atingiu as atividades do grupo?

EDILMA

Ai, minha amiga, como a grande maioria de ativistas no país, né? Eu falo não só ativistas, mas guerreiros e guerreiras. O medo veio de morrermos, claro. Somos seres humanos. Mas que medo foi esse? Medo não só de nós, eu, pessoa, morrer, mas de muitos morrem de medo em nosso território. Porque a gente sabe que o abandono com um saneamento básico existente e é muito grande. Não existe saneamento básico eficaz dentro das favelas e periferias. Então, o medo era coletivo, no primeiro momento. Depois, nós percebemos que se nós ficassemos escondidos, guardados dentro das nossas casas, não iria resolver o problema, à medida que a gente foi tendo conhecimento, assim como A maioria dos cientistas, toda a equipe médica, toda a equipe de enfermagem, toda a equipe de saúde foi nos promovendo o conhecimento, foi nesse caminho do conhecimento do que era o vírus, quais as saídas que a gente tinha básica. Nós pensamos, já que nós estamos ameaçados de morrer e nós sempre tivemos articulações para sobreviver, dentro das nossas relações, de bater na porta do vizinho, na porta da mãe, do pai, da avó, da tia, da madrinha, porque moramos nesses territórios, por que não nos arriscamos? Já que está eminente esse lugar

de morrermos coletivamente. Vamos nos arriscar para tentar manter as nossas vidas, foi o que fizemos.

Começamos a utilizar a tecnologia, ainda estava funcionando de forma eficaz, porque a gente sabe que dentro do nosso território o uso da tecnologia ainda é muito raso, é muito primário, né? Mas a gente utilizou das outras tecnologias que nós tínhamos e começamos a promover isso.

Precisamos de pedir, pedir. Precisamos lavar as nossas vielas, precisamos ajudar os nossos vizinhos que não têm um apoio financeiro ou não tem recursos financeiros para limpar a sua casa, precisamos prevenir uns aos outros, ajudar uns aos outros e foi o que a gente fez. Pedimos ajuda, conseguimos macacões, conseguimos máscaras, conseguimos luvas. Se elas eram legitimadas, homificadas dentro da normativa ou não, que as áreas de saúde diziam, não foi a nossa preocupação no primeiro momento, entendeu?

Nós fizemos o que podíamos e aí tivemos coragem, à medida que fomos nos unindo, tivemos coragem de sair de nossas casas, comprar o cloro e misturar aquela química de cloro que vende nas grandes favelas e morros e fomos misturando com água e fomos saindo para as ruas e colocamos a mão na massa para fazer sabão, junto com vários protagonismos dentro do nosso território, a Alessandra Roque é uma delas, né? Colocou a mão na massa, uma mulher que veio na busca desse conhecimento, pra trabalhar com a promoção da saúde, né? Através da agroecologia. E aí fomos nos unindo, ao ponto de receber muitas doações, produtos de limpeza, e fomos tendo coragem, ao ponto também de sairmos e irmos juntos ali, podermos sorrir uns com os outros, mesmo com máscara, os olhos falavam isso, E, graças a Deus, ninguém, nenhum dos nossos, todos os guerreiros e guerreiras atlistas dentro do nosso território estão vivos e vivas, graças a Deus, fazendo acontecer até hoje. E eu acredito muito que a espiritualidade olhou para dentro de nós e pôde falar assim:

- Eu vou dar uma chance, sabe? Vocês têm chance de continuar vivos, porque a intenção de vocês foi enorme, sabe? E foi o que nos motivou e o que nos trouxe até aqui. Até os dias de hoje.

-

CINTIA

Graças a Deus, todo mundo bem. Você já falou de algumas pesquisas que o grupo promove, como cartografia, censo, automapeamento. Desde quando começou isso? Você lembra, mais

ou menos, um ano?

EDILMA

Em 2021. Em 2021, a gente concorreu a edital da Fiocruz, que era, deixa eu só confirmar, Vou Confirmar o nome exato. Porque a idade bate um pouquinho, né, amiga? rs

CINTIA

Uma jovem, sim. Uma jovem. Não bate a idade, não. Muito nova ainda.

EDILMA

É, o edital que nós tivemos foi... O edital COVID-19, né? A Longa Recuperação Pós-Pandemia. Foi o eixo da Fiocruz. Nós concorremos nesse edital e passamos nesse edital. Ao passarmos nesse edital, nós começamos a ver, é... Começamos a ter convites por parte das universidades, a UFRJ foi uma delas, a PUC também, outras universidades fora do país, na busca dessa tecnologia social.

O SOS Providência promoveu o ajuntamento dos projetos dentro da Providência, na busca de solidariedade e oportunidade de soluções. Então, nós entramos com o comitê SOS Providência, nesse hospital, passamos, e daí foi a nossa alavanca para que a gente pudesse ter recurso financeiro na promoção da doação de sexta-feira básica, que durou por dois anos, na promoção da proposta da feira agro-orgânica, com produtos agroecológicos, alimentar e também na promoção de produtos de higiene pessoal, higiene em geral, para cá e para o território. Isso foi o nosso pontapé de legitimação, onde a gente recebeu recursos públicos do governo, né? Após passar no edital e operacionalizamos e ficamos entre os cinco projetos que legitimaram de forma muito transparente a sua prestação de contas.

CINTIA

A jovem Edilma já me falou pra ela a importância da produção de conhecimentos e memórias. Mas e pro grupo? Qual a importância disso pro grupo, pro Galeria?

EDILMA

Com certeza, eles seguem essa linha da promoção da arte e cultura permeada pela educação. A gente sabe que a educação formal, com seus conteúdos, sem uma articulação com a arte, com seus conteúdos engessados, eles não trouxeram resultados, principalmente resultado

satisfatório na transformação social e isso é comprovado em nossos territórios que são vulneráveis por violências. E, ao somarmos com a arte e cultura, isso fica de forma muito mais leve, principalmente usando a visão de mundo articulada com esses conteúdos, na formação básica do cidadão, como eu já disse, desde o ensino fundamental 1 até o ensino médio. Então, isso é unânime, com missão e visão dentro do nosso fazer, ser galeria produtiva. Muito bom.

CINTIA

E vocês constituem um grupo de pesquisadores? Um grupo de pesquisa. Você pode falar um pouquinho do perfil desses pesquisadores que fazem parte do grupo?

EDILMA

Temos pesquisadores legitimados pela academia, né? E aí é o Hugo Oliveira e a Edilma Carvalho. E temos também hoje pesquisadores que não têm formação acadêmica, mas que foram legitimados pela UFRJ, pelo IPPUR Negra, com certificação no programa de pós-graduação, que são as nossas moradoras e moradores do Morro da Providência. Que após dois anos na construção desse CENSO da Providência, que começou primeiro com uma pesquisa na pandemia, eles se legitimaram mais três anos e eles tiveram essa formação que os legitimaram. Então, a gente continuou trabalhando com o mesmo grupo, ampliando também os moradores que estão chegando e as moradoras que estão chegando, introduzindo eles nesse conhecimento. E é nessa linha que a gente quer seguir. A gente não abre mão, tá? Fazemos sim, promovemos a arte e cultura, promovemos educação básica, tá? Mas legitimamos o protagonismo dos nossos moradores, tá? Com a sua essência de visão de mundo existente nesse território.

CINTIA

E esse trabalho que vocês realizam, você acredita que de maneira conceitual, assim, né, acadêmica, eles se encaixam em algum tipo de conceito?

CINTIA

De conceito, por exemplo, Do conceito de geração cidadã de dados?



EDILMA

Com certeza, com certeza, e nós queremos ampliar muito mais, tá, com o movimento que nós estamos fazendo através de segunda edição, com a Fiocruz em saúde integral, nós estamos partindo da nossa agenda 2030, tá? E vamos, mais do que nunca, buscar conhecimento para trabalhar com a geração, sim, de dados cada vez mais eficazes, tá? Nós queremos ser esse referencial dentro da providência, sim. E queremos ampliar esse referencial para outros outros projetos que atuam aqui, não temos problema nenhum em dividir isso. O protagonismo é e vai permanecer sendo dos moradores da providência. É só chegar, quer somar, estamos juntos para fazer isso.

CINTIA

O que você acha desse conceito de geração cidadã de dados? Sobre como ele foi formado, como ele é falado entre as instituições, o que você acha desse conceito?

EDILMA

Então, pra mim, ainda, é um assunto que eu tô desmistificando, tá? Ampliando esse meu conhecimento. Se estendendo mais esse conhecimento, porque eu vou ser sincera com você. Dentro da minha formação, hoje, eu fui neurociências, tá? Porque eu quero contribuir com saúde e a partir da saúde mental. Então, neurociência e psicopedagogia, pra desmistificar também esse fantasma que eu não aprendo, né? De que as pessoas dentro dos nossos territórios de favela e periferia não tem capacidade de aprender. Como também dentro da neuropsicologia. Então, neuropsicopedagogia e neuropsicologia tem sido o meu ramo de conhecimento que eu tenho mergulhado com o fundamento.

Na geração cidadã de dados, eu tenho mergulhado mais para o finalzinho do mês de novembro para cá. Confesso a você que vínhamos fazendo, mas não sabiam que tinha esse termo. Mas nós temos mergulhado de forma mais detalhada de outubro, novembro pra cá, demos uma pausa, precisávamos entregar resultados junto a alguns parceiros nossos, então demos uma pausa de forma pontual e estamos voltando mais integrado agora em março, tá?

Pra mim, se ele existe, esse conceito, ele existe também pra nós, tá? Dentro da favela e da periferia se aprende sim, tá? Não temos diferenciação em relação a qualquer outro ambiente da cidade que não nos permita o aprendizado. O que temos são situações intercorrentes de direitos velados ou não permitidos, que nos impactam.

Mas à medida que nós vamos tendo um ambiente salutar, tá, e aqui dentro do mercado popular nós acreditamos nessa proposta, aonde nós temos espaços para essa discussão, como também temos espaços da academia, espaços de outros parceiros, a gente quer muito esse conceito dentro do nosso território, tá, de forma que vai se tornar tão, tão, cotidiano, como pra nós, né, falar de falta d'água. Entendeu? Como coleta de lixo. Como de gravidez na adolescência. Tantos opostos mesmo fazem parte do nosso cotidiano, mas que está sendo, por nós, cada vez mais desmistificado. E nós temos ampliado não só o conhecimento, mas a prevenção de tudo isso.

CINTIA

Aí, avançando um pouquinho mais, você já me falou dos temas trabalhados de educação, cultura, arte, da metodologia, que vocês usaram questionários, que as pessoas foram mapeando um território que tinha conhecimento. Vocês usaram alguma tecnologia, além do preenchimento do questionário?

EDILMA

Sim, usamos uma tecnologia, inclusive eu estou te enviando isso, porque a internet está muito lenta, Nesse relatório, tá? Nesse link do relatório que eu tô te enviando, eu vou te dizer quais foram as tecnologias que nós utilizamos, tá? São alguns termos. Eu vou só... Nós utilizamos O *KOBO* como instrumento de coleta, além de questionários, manuais, nós utilizamos O *KOBO*.

Você conhece essa tecnologia? Então, O *KOBO* como é uma tecnologia disponível, você pode utilizar ela mesmo não tendo acesso à internet, tá? É uma excelente ferramenta, nós descobrimos ela através Desses contatos que temos, na jornada de vida que fizemos, nós conhecemos pessoas que desenvolvem tecnologias dentro de ambiente e pessoas que moram fora do país. Eu tive o privilégio de viajar 26 países, então pessoas que moram dentro do país e nós fizemos amizade com essas pessoas e tivemos amigos mais chegados que irmãos que nos deram essas dicas.

Então, como tem sido essa ferramenta? onde ele consolida, independente de eu estar online ou não, ele consolida todas essas informações. Basta que a gente disponibilize ele, baixando ele dentro do nosso celular, por mais simples que isso seja, o aparelho celular, claro, que a gente precisa cortar algum tipo de aplicativo como o Instagram, que ocupa muito espaço, o Facebook ainda, apesar de parecer retrógrado, algumas pessoas utilizam, de faixa etária,

acima dos 45 anos, E a gente usou essa tecnologia que deu um excelente resultado e a gente tem divulgado nela, tá? Para muitos territórios como o nosso. Como? *KOBO*, tá? Mais detalhes estão lá dentro do nosso link de relatórios detalhados sobre toda a nossa construção, desde a primeira pesquisa da Covid até chegarmos, as três pesquisas que fizemos, até chegarmos ao primeiro censo oficial para os territórios de favela e periferia e ao censo do IBGE, tá? Da Providência.

CINTIA

Falando um pouquinho dessas parcerias que vocês têm feito, como que funcionam essas colaborações? Como que elas são?

EDILMA

Elas são através de doações pela nossa vaquinha online. Elas são feitas através, agora, de editais, como o Sistema Fijan, que nós temos o apoio além de jovem aprendiz, onde os nossos jovens desenvolvem conhecimento de novas tecnologias, tá? Desenvolvimento humano e social e também em criatividade aplicada.

Isso é uma parceria que nós temos com o sistema FIRJAN, SENAI e SESI, pelo Departamento de Responsabilidade Social. Os editais, claro. Parcerias mesmo de referências que temos, por ter tido experiências profissionais dentro, contratos e também através da lei Rouanet, agora Paulo Gustavo.

E também formações, por exemplo, faço parte de formações através de fundações, através do destaque do nosso país, que é a Gerando Falcões, onde eu me submeto às formações que eles dão e através das formações, do destaque, E aí, infelizmente, estamos com o capitalismo das notas e das propostas que construímos nessas formações. Nós fechamos pra sair deles. Amigo, estamos em tudo. Tudo. Tudo é nosso, nada é deles. E estamos aí caminhando, fazendo discípulos, promovendo protagonismo. Não tem problema algum em dividir conhecimento, amigo. Acredito perfeitamente que isso não nasce pra todos. E que dividir esses conhecimentos só vai ampliar o protagonismo dos nossos territórios marginalizados para tornar em territórios não marginalizados e cada vez mais parte integrante da cidade. Entendeu?

CINTIA

Muito bom. Você pode me falar um pouquinho como é que vocês utilizaram o resultado dos

produtos que foram desenvolvidos, como o censo, a cartografia, como é que vocês fizeram para utilizar esses resultados obtidos e se vocês têm alguma estratégia de comunicação e divulgação dos resultados?

EDILMA

Então, o Hugo Oliveira, que é o meu parceiro, é formado também em comunicação social, foi estagiário, além de ser doutor em educação, territorialidade, mestre, mestre e doutor, agora doutor em comunicação e educação. Foi estagiário do Luciano Huck durante dois anos e a gente deixa legados, histórias. Temos articulação também com o protagonismo de pessoas negras dentro das mídias, o nosso mercado e insistimos em buscar. Batemos nas portas, amigo. Seja através do uso da tecnologia ou pessoalmente, presencialmente. E aí divulgamos os nossos resultados. E aí somos acionados, né? Por aqueles que têm interesses. Então, vergonha não habita aqui, amiga. O não a gente já tem. A vida toda o não a gente teve.

CINTIA

E você pode contar um pouquinho da dificuldade para chegar nessas divulgações, para o resultado? Falar um pouquinho da experiência metodológica, se teve alguma coisa que não deu certo na metodologia?

EDILMA

Quando a gente tem a legitimidade de uma instituição como a Fiocruz, a maior instituição em promoção da saúde dentro dos nossos territórios, principalmente da saúde, nós temos aí A FIOCRUZ com seu protagonismo na Providência, na gamboa, da saúde, do Santo Cristo, no combate à peste negra que aconteceu aqui dentro. E nós conseguimos passar por dois editais. Conseguimos legitimar a transparência na prestação de contas. Isso já sobe muito, não é? Muita coisa.

Junto com isso, adquirimos, através dessa legitimação, certificações do poder público. seja na esfera municipal, estadual e federal, com a Fiocruz, que nos legitimou, federal, com certificações, também já soma muito no interesse público desse protagonismo. Os desafios são sempre os mesmos. Outra coisa, não de legitimar na formação academicista. Insistir nisso, nesse caminho, como fonte, não distante para nós, mas como fonte que soma, não para caminharmos, numa visão de que adquirimos conhecimento, abandonamos a favela e fazemos de longe. Não. Pelo contrário, adquirimos conhecimento, formações legitimadas e

permanecemos dentro da favela. Não romantizando a favela como um lugar perfeito para legitimar, mas pelo contrário, buscando multiplicar esse conhecimento, trazer protagonismo dos nossos. Não tem como, amiga. Contra fatos e dados não há argumentos.

CINTIA

Muito bom. E você percebe algum impacto direto ou indireto do trabalho que vocês fazem aí no território?

EDILMA --- parei aqui 56:17

[https://drive.google.com/file/d/16MsrIxbG0ogEH57urnk94GDI\\_kjTxgte/view](https://drive.google.com/file/d/16MsrIxbG0ogEH57urnk94GDI_kjTxgte/view)

Com certeza. Primeiramente das vidas que estão conosco, daqueles que escolheram estar conosco e a promoção que eles fazem a partir de si para suas famílias. Todos que atuam conosco ou estão estudando, concluindo a sua educação básica, se já concluíram estão buscando um caminho de formação dentro das linhas que eu já falei, seja empreendedorismo, que é muito natural dentro dos nossos territórios, seja oficialmente ou não, seja a formação técnica, seja a formação da graduação ou seja a formação do conhecimento contínuo, da busca do conhecimento contínuo. Não atuam conosco pessoas que não seguem nessa linha. E aí quando a gente fala desse conhecimento contínuo, após a formação da educação básica, ele vai escolher a área que quer. Eu tenho aqui mulher, tá? Na faixa etária de 30, 40 anos, que escolheu fazer todas as formações de agroecologia. Dentro da Fiocruz. Todos os cursos nessa área, essa mulher está fazendo. E ela está ali promovendo o que outras fazem. E ela está aqui junto com outros, como eu já citei, a própria Alessandra Roque, que é essa ativista dentro dessa área do nosso território, promovendo trabalhar a horta inteligente, seja a agroecologia, dentro do seu quintal, dentro do seu próprio espaçozinho ali, um cantinho feito de canteiro, sabe? E eu não estou em nenhum momento, não só eu, como todo time, fazendo com que essa mulher pense numa graduação. Olha, vai fazer uma formação em educação ambiental, vai fazer uma formação dentro de agroecologia. É o momento dela, dentro da realidade dela, tá? Que ela falou, olha, pra mim, digo, eu quero seguir nessas formações que a Fiocruz tá dando. Eu tô conhecendo outros territórios no Rio de Janeiro, tá? Em outros municípios do Rio. E eu pretendo ter a minha cooperativa. Eu pretendo virar uma empreendedora social dentro desse território. Então, assim, com o desconhecimento contínuo, não há da nossa parte obrigatoriedade da

formação dentro dessas linhas, mas a educação básica não atua conosco se não tivesse educação básica. É fato. É o mínimo como cidadã, né, e uma cidadã que tanto dá ênfase a essa proposta, não só como cidadã, mas como gente toda desse coletivo, né, que é o Instituto Caminhanteres e o Galerinha Cortes, não promover isso. Sabe? E eu tô muito feliz, porque ela tá ali se realizando e no momento, se ela quiser fazer uma graduação dentro das esferas de conhecimento que ela tá tendo, ela vai buscar essa graduação. Né? Esse pré-vestibular aqui com rosto, com CDR. O importante é que esse conhecimento, a busca pelo conhecimento, pra transformação de si e a multiplicação pra outros que a rodeia, a partir de dentro da sua casa e pra sua vizinhança, possa ser uma continuidade.

CINTIA

Muito bom. E para, geralmente, os financiamentos dos projetos de vocês para o grupo todo ou são projetos específicos? Como é que funciona?

EDILMA

Então, a gente sempre oferta, porque trabalhamos dentro de um coletivo, dentro de uma instituição terceiro setor, onde há a construção do grupo constituinte mesmo, com o seu CPF, e trabalhamos também com o MEI, o PME. Então, nós sempre ofertamos a proposta para dentro do perfil que já conhecemos. Mas se não tem perfil a gente não deixa de ofertar. Mas a gente explica que dentro do resultado que teremos que tá dentro do resultado final a proposta está ali e ela precisa ser seguida. E todos sabem disso quem trabalha conosco. E aí, em alguns momentos, entra todo grupo, em outros momentos não entra. A gente contrata dentro do nosso... A prioridade também é sempre contratar de dentro dos nossos territórios. Desde a Providência, a Saúde, Gamboa e Santo Cristo. E daí, se não encontramos, estendemos também para outros territórios. Territórios da região central. A gente... A prioridade é fazer com que esse território onde estamos, onde o legado de escravidão foi uma latente, tá? Seja transformado a partir das pessoas, tá? Para os ambientes físicos.

CINTIA

Entendi. A gente falou também um pouquinho da segurança em segurança pública, né? Você pode contar um pouquinho da sua experiência com a UPP Social? Claro. E depois um pouquinho sobre o SOS Providência e sobre a galeria e o centro de providência, sua

experiência?

EDILMA

Isso dentro do tema segurança, né?

CINTIA

No tema que você quiser, tá? A jovem senhora tá livre pra falar como quiser.

EDILMA

Dentro do tema segurança pública, eu venho de uma experiência de vida, desde muito pequena, convivendo com o combate ao tráfico de drogas, de forma bem truculenta, sempre de forma muito truculenta. Tenho como memórias... desde muito menina... descer a ladeira do Barroso... que é onde eu nasci... aos pés do teleférico hoje... vendo corpos... de dentro da favela... de dentro das vielas da favela... se estendendo até o Hospital dos Servidores do Estado. Eu tenho isso muito vivo... de mortes que aconteciam de dentro da minha porta... que saíam... que passavam pelas vielas... passando pela minha porta... e os corpos desciam... quem conhece esse território? sabe que é uma... é uma... é uma extensão grande... e se estendendo por toda a ladeira... ladeira do Barroso, ladeira do Livramento... rua do Monte... chegando à porta do Hospital dos Servidores do Estado, que é na rua do Livramento... na sacadora esquina com a sacadora cabral. Então, assim... é algo que me fazia muita inquietude... como eu disse no início... nessa... Nesse sentimento de desigualdade social que eu já percebia desde muito menina... pelo direito à educação e uma vida com... com integridade, com equidade... com... com... com dignidade mesmo, né? E isso pra mim foi um marco. Anos depois... e assim perpassou pela minha primeira infância... depois adolescência... a vida jovem... depois jovem, adulta... e aí eu fui mãe de três filhos. Eu não programei isso. Fui mãe numa idade... como eu tive acesso à educação... a educação no todo... trabalhar... essa questão de uma gravidez planejada... apesar de ser moradora de favela... sempre foi algo que a minha mãe trouxe muito latente... por ter tido dez filhos... e por estar ligada ao... pro-ativismo... na igreja católica... ela foi buscar conhecimento... para se prevenir de uma 11ª gravidez, então ela ligou as trompas com 34 anos. Eu fui a filha que mais participou desse processo, que ela levava como chaveirinho para os lugares onde ela tinha esse atendimento, até ela conseguir a ligadura de trompas, que não foi nesse território, foi no MEA, através de um programa, um projeto chamado Casa das Pioneiras do Brasil. Era

uma casa de mulheres que queriam ter a prevenção na construção das famílias, saudáveis... de gravidez planejada... e minha mãe fez ali a ligadura de trompo... e ia falando pra mim sobre isso desde os cinco anos, seis anos de idade... daí... eu planejei as minhas gestações... eu tive o privilégio... de ter gestações planejadas... não pensava em três, pensava em dois... mas a terceira veio com muita consciência... e a partir desse olhar da maternidade... essa vivência da maternidade... desse olhar... do meu território... e por ser educadora, eu já tive essa base no diálogo muito forte com meus filhos, sobre a segurança pública, sobre o território que vivíamos, sobre o desejo de estar aqui e de transformar esse lugar. E eles hoje, com 28, um terminando engenharia, outro terminando história, outro terminando direito, 24 e 23 anos, tem essa consciência social muito latente, desde muito cedo, já atuava comigo nos projetos, e trazer essa consciência de que esse lugar da violência, esse lugar do tráfico de drogas não era pra eles, já foi algo natural, né, porque eu já trazia isso de fora pra dentro, então, foram experiências que me marcaram muito. E a última delas, com a segurança pública, foi que eu passei do projeto, na proposta do sistema Fijan, pra atuar como articuladora, mobilizadora, e coordenar o trabalho, de volta à educação básica, em 2009, quando se estava programando a chegada da UPP. E eu fechei a câmera. Peraí, menina, eu tô até agora fechada a câmera. Gente, você nem me sinalizou.

CINTIA

Eu pensei que é porque a internet fica melhor.

EDILMA

É verdade, ficou melhor, é verdade. Fica à vontade, menina. Só um minutinho. Fiquei à vontade, desculpa. Estava atendendo minha equipe de comunicação, porque nós também temos uma escola, esqueci de falar, uma escola de comunicação comunitária, em parceria com a Fiocruz, se chama Galo Comunicação. Vou te mandar também esse link, tá, amiga? Temos mais essa mídia, meu Deus, é muita coisa, tá? É muita coisa. Tem que estar com, literalmente, um checklist ali do ladinho. E aí eu fui atender ali a coordenadora geral de comunicação, que é uma jornalista e uma articuladora e mobilizadora com vários artistas do país, E ela, inclusive, está dando empregabilidade para os nossos jovens que estão se formando. Vou te mandar isso também, tá, minha amiga? Vou deixar aberto aqui nas minhas telas. Como a internet talenta, galo da providência. Galo da providência. Voltando para a educação, eu fui convidada, eu passei nesse processo seletivo, junto com o governo do



Estado e o sistema FISJAN, que é a Federação da Desindústria no Brasil, para que junto com o PP pudesse entrar o braço social do governo que já existe há mais de 139 anos, começou no primeiro império. E aí eu passei dentro do meu território e a partir das unidades de Botafogo e das unidades da Providência, nós íamos juntos articular essa proposta para todos os territórios de favela que iriam receber as unidades de polícia pacificadora. Mas até então, a minha atuação física presencial seria dentro de uma antiga creche, de influência católica dos vicentinos, que se chama creche, creche comunitária da Providência, que chamam hoje creche dos vicentinos. Um prédio dentro de um espaço chamado 60 da Providência, que é uma ladeira do outro lado do território da Providência. E ao chegar lá, esse prédio vazio, que a creche tinha sido perdida, o seu direito de atuação junto aos contratos de governo municipal, eu fui ali desbravando, literalmente quebrando pedra. Fui cruzar sozinha, fisicamente falando, botei uma mesa e uma cadeira... e junto comigo chegaria o Crais... Dodô da Portela, que é o Crais... do nosso território, da Gamboa... Gamboa e Saúde. Santo Cristo é o posto de saúde, né, Léo de Oliveira? E ali eu cheguei com a mesma cadeira, eu olhei para aquele prédio completamente sujo... completamente salubre... E eu falei, bom, aqui é que eu vou fazer as primeiras matrículas, né? Mas aqui também é que eu vou construir uma história junto com as minhas colegas, né? Que da atuação social, que eram os psicólogos e assistentes sociais. E ali foi feita essa articulação maravilhosa que eu carrego com muita alegria no meu peito nesses últimos quase 20 anos. E foi uma articulação linda, né? Porque é muito além do que garantia o Bolsa Família, que é importante, muito importante, né? Esse socorro imediato da vulnerabilidade com a fome, a gente pôde também legitimar o direito à educação através do Sistema S. E aí chegou também o Sistema S pelo Senac, que é a Federação do Comércio, foi o Senac e o Sesc, e ali nós começamos a articular junto com as escolas do território. E quando estávamos lá, lindas e belas, fazendo acontecer, nós fomos surpreendidas. nos três primeiros andares, que a UPP iria tomar o espaço. E aí, como? Como atuar numa legitimação do protagonismo dos nossos moradores e moradoras, que não serviam nesse lugar de direito à educação, do direito ao saber, com a ocupação da UPP? E foi o que enfrentamos, amiga. E tivemos um escape, Porque os três primeiros andares tinham acesso... e na lateral do prédio nós ficamos no subsolo, fomos colocadas no subsolo. Os três últimos andares de subsolo. Mas, em compensação, nós ganhamos um espaço... onde... tínhamos acesso a uma porta lateral. Então, eles ficaram na porta principal... e nós ficamos numa porta lateral. Os nossos moradores foram legitimados, nós temos aí... mais... inúmeros... nós tivemos, na época, nos primeiros três anos... Nós

tivemos quase 5 mil pessoas do nosso território, de outros territórios de favela, da região central, fazendo parte dessa realidade. De volta à educação básica, do direito à educação básica, seja nas escolas ou sistema extra. Desculpa.

CINTIA

Desculpa, eu tô sensível. Além de estar grávida, a educação é um lugar que me toca muito.

EDILMA

Desculpa. Pode continuar... desculpa. É... assim... Tínhamos ali a ameaça de estarmos trabalhando com a polícia... pelo poder paralelo dentro do nosso território... e ao mesmo tempo tínhamos a ameaça de não ter esse direito... porque eles começaram... o poder público começou a parar na corte... o PPP sentaram em uma cadeira com armamento pesado para intimidar... Mas nós vencemos, amiga, nós vencemos. Hoje os nossos moradores estão na terceira geração de atendimento hoje. Nós legitimamos as mulheres mais velhas, mais maduras, com 30 e poucos anos, 40 anos, que é a média de mulheres já avós no território. Hoje com 50 anos, como eu, nós já legitimamos os seus filhos. Eu tenho muitos resultados desse trabalho. Fiquei quase 20 anos. Nós legitimamos os netos. E agora tem até bisneto. que estão fazendo formação em novas tecnologias comigo, pelo SENAI. Além de fazer formações em novas tecnologias, eles estão no trabalho do desenvolvimento humano. O que é isso? O que é necessário para o ser humano desenvolvido, onde eu consigo olhar para mim mesmo, ou para mim mesmo? E nós vencemos, nós ficamos lá. Na verdade, o espaço ainda continua lá. Só que agora, por lá, o sistema é de... bolsas pelo governo, que está voltando com o governo Lula. No governo Bolsonaro foram descontos que variavam entre 50% a 70%. Hoje, com a volta do governo Lula mais popular, é um governo que a gente sabe que nos inclui. Nós temos a gratuidade lá, que estão com formação técnica, então tem um público específico. Temos uma biblioteca com acesso a mais de 3 mil obras. Temos um espaço de apoio escolar, reforço escolar. E dentro da minha vivência, que foi nove anos dentro desse prédio, eu pude me legitimar como coordenadora, né? E fui atuar em vários territórios, desde a Providência até o Batam. Todos os territórios com ocupações UPP, nós estávamos lá presentes, ampliamos essa frente, né? E após ampliar essa frente, nós tivemos aí a prisão do governo Sérgio Cabral, que desarticulou tudo. E desde a nossa ASG, Auxiliar de Serviços Gerais, a nossa superintendente foram mandados embora. Era um contrato misto. E daí, a articulação nesses territórios diminuiu muito. Hoje a articulação está dentro dessa

linha. O governo Lula, nesses dois anos, voltou a legitimar, mas não como antes. Conseguimos gratuidade, eu faço parte também desse time, mesmo não sendo contratada, eu continuo articulando, né, e divulgo aqui no nosso espaço. E daí eu pensei, bom, diante desse histórico, né, eu também boto, o Hugo também acreditou nisso, Caminhantes, que são nossos padrinhos, né, aqueles que nos legitimam, acreditaram, e a gente formou nossa instituição, aonde a gente pode trabalhar com articulações com todo aquele que quer, em conjunto, momentos em conjunto, momentos separados, mas promovendo sempre o protagonismo dos nossos. E, querendo, inclusive, agora um olhar um pouco mais capitalista, pensar em franquia, tá? e franquia do público em todo o país. Esse lugar capitalista não é pra ficar rica não, tá, amigo? Se eu quisesse, eu teria me vendido tanto pro poder público, já estaria ali na política partidária, mas não é o meu lugar, né? Eu não gosto desse lugar, não critico quem está, mas eu sei da minha missão e estou muito satisfeita com isso, sabe? E tenho o desejo de ampliar e muito com parcerias por todo o território aí, do Galeria Providência, né? com protagonismo, Galeria Batam, Galeria Jacarezinho, Galeria Maré, Galeria... Tantos territórios... Nossa, tantos territórios de favela que podem... Galeria Prazeres Escondidinho, Galeria seja lá o que for, dentro dos nossos territórios, favela e periferia.

CINTIA

Vamos aproveitar e fechar perguntando aonde a Edilma acredita que o Galeria vai estar daqui a 10 anos?

EDILMA

Caraca, acredito que a galeria vai estar no mundo. Sério, amiga. Acredito piamente nisso. Os territórios de maior vulnerabilidade no mundo. Acredito que na galeria possa existir uma outra galeria lá dentro. Sabe? Onde o protagonismo... através da arte e cultura permeando a educação. Ou a educação, ao mesmo tempo, permeando a arte e a cultura. Faça muitos, muitos discípulos e discípulas e sejam protagonistas da sua cultura. Não tenho dúvida disso. Acredito piamente nisso.